
Elementos para uma crítica à cisão sujeito e objeto nas matrizes epistemológicas da comunicação¹

Jairo Ferreira²

Resumo: Reflexão sobre uma abordagem das matrizes epistemológicas no campo acadêmico da comunicação, organizadas segundo a hipótese de que o pensamento contemporâneo pode ser pensado a partir da tensão entre perspectivas diversas sobre as relações sujeito e objeto. Esse objetivo central se desdobra em angulações teórico-metodológicas sobre as quais sugerimos pensar o campo da comunicação: as relações entre posições de “sujeito e objeto”, “método e metodologia”, “disciplina e campo”, no âmbito das matrizes sugeridas. As reflexões se desenvolvem dirigidas à compreensão dessas relações na análise da mediação.

Palavras-chave: epistemologia; comunicação; mediação

Abstract: Inquiry concerning an approach of the epistemological matrixes in the academic communication field, organized according to the hypothesis that the contemporary thought might be considered from the tension among several perspectives on the relation subject and object. This central objective is unfolded in theoretical-methodological angles upon which we suggest to think the communication field: the relation between

¹ As reflexões deste artigo – apresentado no 1º. Colóquio “Comunicação e conhecimento”, realizado dia 06 de novembro de 2008, no VI Encontro Regional de Comunicação da UFJF – desdobram questões em debate no projeto “Crítica epistemológica: Análise de investigações em curso, com base em critérios epistemológicos, para desenvolvimentos reflexivos e praxiológicos na pesquisa em Comunicação” relativo ao edital CAPES / PROCAD, 2008, com a participação dos PPGCOMs da UFJF, UFG e Unisinos. O objetivo geral é realizar uma reflexão sobre o campo epistemológico a partir das práticas de investigação em curso, que contribua para as aberturas do conhecimento em produção da área. Trata-se de diagnosticar como as diversas perspectivas estão sendo apropriadas na construção de arcabouços epistemológicos, explícitos ou não, das investigações em curso, e de como estes se constituem em matrizes conforme os ângulos teórico-metodológicos propostos nesta investigação. O que apresentamos aqui são perspectivas através das quais discutimos com os pares as proposições desenvolvidas no projeto, cujos eixos em debate são os mesmos deste artigo. O projeto reúne dez pesquisadores de PPGs, além de doutorandos, mestrados e bolsistas de iniciação científica.

² Professor (PPG Ciências da Comunicação / Unisinos). Coordena, juntamente com Francisco Paoliello Pimenta (UFJF) e Luiz Signates (UFG), o projeto CAPES/PROCAD referido na nota anterior.

positions of “subject and object”, “method and methodology”, “discipline and field” in the scope of the suggested matrixes. The reflections are developed directing to the comprehension of these relations in the analysis of mediatization.

Key-words: epistemology; communication; mediatization

Questões preliminares

A compreensão da epistemologia como investigação e reflexão sobre a ação individual e social na produção de conhecimento científico está indicada em vários autores. Essa é a visada das ciências sociais (Latour, focando na interação em laboratório produzindo conhecimento, e Bourdieu, com sua teoria de campo científico, são exemplos dessas abordagens), na psicologia – o conjunto da obra de Jean Piaget sobre a produção de conhecimento na infância. Esses são autores que sugerem um deslocamento da questão epistemológica da filosofia para a ciência. Esse deslocamento aparece também nas epistemologias específicas (da física, da química, da biologia), nas quais o tema é parte da própria produção de conhecimento científico (Martino, in Lopes, 2003). A epistemologia, no âmbito da produção de conhecimento científico está, portanto, consolidada, como formula Lopes (2001), que localiza a epistemologia no cerne da pesquisa no campo da comunicação. Portanto, ao sugerirmos a compreensão desse processo da epistemologia integrada à produção de conhecimento científico no campo acadêmico da comunicação, estamos no mesmo percurso “visitado” teoricamente por vários autores da área da comunicação (Martino, in Lopes, 2003; Lopes, 2001; Rudiger, 2002, Santaella, 2001).

Do conjunto dessa literatura, apropriamo-nos de determinadas perspectivas e proposições para buscar uma sistematização própria às questões e ângulos epistemológicos que observamos nos autores mobilizados. Assim, nesses autores observamos: referência sobre a importância histórica que as posturas positivistas tiveram na constituição da área (Martino, 2005); eclosão da identidade disciplinar vinculada à expansão institucional e, simultaneamente, ausência de uma teoria própria, mas sim sempre tomada de outros campos e/ou disciplinas (Martino, 2005; Lopes, 2007; Braga, 2007); referência à incerteza como lugar epistemológico compatível com a inserção histórica da área na produção de conhecimento (Lopes, 2007; Pimenta, 2008). Nosso esforço teórico, nesse processo de apropriações e diálogos com essa perspectiva, tem sido de uma sistematização que nos permita compreender o jogo reflexivo no campo acadêmico da comunicação.

A hipótese preliminar é a de que o pensamento contemporâneo pode ser considerado a partir da tensão entre três grandes perspectivas epistemológicas. A primeira, a que acentua a confluência, a interação e a intersecção entre o primado do pensar e o do objeto. As outras duas fundadas na cisão entre o pensamento e o objeto³: uma, centrada em concepções ambientalistas, das quais decorrem posições

³ Na perspectiva marxista, a tensão ocorre entre o materialismo (ambientalismo) e o idealismo. Essa tensão será permanente no marxismo do século XX, incluindo a elaboração de seus princípios (Lênin, em especial, com a obra Materialismo e Empiriocriticismo). Na Vol.2 • n°2 • Dezembro, 2008 • www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina

descritivas e positivistas dos objetos; outra, as epistemologias inatistas, vinculadas às interpretações lógico-proposicionais dos objetos da natureza e da sociedade. Essas três perspectivas são transversais aos campos acadêmicos, mesmo que a gênese de uma outra possa ser identificada neste ou naquele campo, ou em escolas filosóficas⁴.

Sendo transversais, deixam de pertencer a uma problemática específica deste ou daquele campo e passam a se constituir em referências epistemológicas para a reflexão sobre objetos sociais e naturais, agenciando, ou não, posicionamentos sobre sujeitos, objetos, método, metodologias, disciplinas e campos científicos. Portanto, se transversais, essas três perspectivas atravessam também o campo acadêmico da comunicação, marcando interpenetrações, apropriações, nas ações e discursos no estudo sobre a comunicação, o midiático, a midiaticização e o midiaticizado.

No campo acadêmico da comunicação, o problema epistemológico da impossibilidade de um recorte nas relações entre sujeito e objeto herda questões das ciências sociais. Primeiramente, herda posições epistemológicas já clássicas, do deslocamento promovido pelas ciências sociais decorrente de uma dialética entre a objetividade e os valores do pesquisador implicados na pesquisa sobre a sociedade (de Marx a Bourdieu, passando por Weber). Segundo, herda as reflexões que acentuam a necessidade de um projeto tecnológico que parta (re)incorporação da cultura à natureza (Marcuse). A terceira herança é a reflexão sobre o discurso entendido não só como estrutura estruturante, mas também estruturado nas interações sociais. Essas três dimensões – interações, tecnologias e discursos – se constituem, em nossa perspectiva, centrais para a compreensão dos processos de midiaticização da sociedade, na medida em que se materializam em dispositivos midiáticos (Ferreira, 2006, 2007), e, por isso, os problemas epistemológicos que gravitam em torno das análises das ações, interações, tecnologia e discursos se condensam nos estudos da comunicação midiática.

A separação entre sujeito e objeto pode, entretanto, incidir sobre cada uma dessas três dimensões (interações, tecnologia e discurso), ou sobre cada uma em particular, ou ainda sobre a reflexão em torno das relações entre duas a duas das dimensões (exemplo: análise das relações entre discurso e tecnologia; sociedade e tecnologia; etc.). Assim, pode-se afirmar, hipoteticamente, que parte dos estudos de comunicação pensa a ação midiática separada: a) da ação social, ou do discurso como fato separado do sujeito que o produz, ou b) da tecnologia reificada (objeto com vida própria). Todas essas separações podem ser creditadas ao mesmo processo de “fetichização” observado na análise da mercadoria. Seriam, portanto, “fetiches” vinculados a outras economias do simbólico. Suas incidências sobre as

perspectiva piagetiana, aparece também a oposição entre inatismo e ambientalismo, sendo o interacionismo construtivista a solução proposta.

⁴ Bachelard opõe a sua perspectiva tanto a filosofia empírica, “que apresenta a idéia como resumo da experiência, separando a experiência de todos os a priori da preparação” e também “a filosofia platônica, a qual professa que as idéias declinam quando aplicada às coisas” (Bachelard, 2001, p. 33). O diálogo com essa perspectiva bachelardiana não significa uma identidade de posições, como se verá na desenvolvimento da proposta.

epistemologias podem ser divididas em duas vertentes que observamos no campo da comunicação na análise das relações entre mídia e sociedade: a) o objeto constitui o sujeito; b) a subjetividade ultrapassa os limites do objeto.

A primeira vertente se expressa em várias formulações teóricas. Num primeiro momento, parece tratar-se de investigações classificadas como positivistas, no sentido de que o método supervalorizaria os processos experimental-indutivos. Mas, em nossas reflexões, essa dimensão – o método – *está em relação com* o objeto, mas não esgota a especificidade do objeto. Assim, essa vertente que categorizamos como ambientalista se expressa desde a perspectiva hipodérmica até correntes sistêmicas e estruturalistas, que apagam e dissolvem o lugar do sujeito na análise da comunicação midiática. O mesmo se pode dizer da segunda vertente. Não se reduz, embora esteja em relação, ao método que supervaloriza os processos dedutivos desenvolvidos pelo sujeito epistêmico do conhecimento. Essa corrente se expressa, na área da comunicação, numa análise que exacerba o lugar do sujeito perante as ações (consideradas externas a esse sujeito) da mídia.

Numa perspectiva crítica, os efeitos de uma redução do escopo de problemas possíveis de investigação é a descoberta de verdades delimitadas pelas epistemologias que as informam. Assim, toda a epistemologia tende a produzir resultados que a confirmam, ou seja, inquestionáveis a partir do olhar em que são produzidas. Isso caracteriza o tautismo (Sfez, 1994). Porém, não só o ambientalismo ou positivismo, lógico ou não, produzem pensamentos reprodutivos. Essas podem ocorrer também na esfera das interpretações reflexivas em torno de construção de leis e regularidades mais complexas e, inclusive, quando se afirma, de forma não menos tautológica, a partir de princípios da interação e outros afins, nominando-se assim realidades em análise sem um percurso metodológico, ou de método, que dê conta do ambiente e das operações proposicionais. Por isso, a perspectiva epistemológica não deve ser analisada em si – abstratamente –, mas como parte de um conjunto de relações que angulamos como “sujeito e objeto”, “método e metodologia”, “disciplina e campo” em convergência com o projeto coletivo em que se inserem estas reflexões (ver nota de rodapé número 1).

Primeiro ângulo: as relações entre sujeito e objeto de conhecimento

Parte-se aqui de posições que compreendem a epistemologia a partir da diferenciação entre sujeito do conhecimento e objeto. Nosso pressuposto é o de que as relações entre o objeto e o sujeito epistêmico são de interação e intersecções. Assim, nossa postura analítica se distancia das concepções em que o objeto é reificado como fonte dos processos epistemológicos (ideologias científicas já criticadas pelos positivistas). Também procuramos uma distância da idéia do sujeito como centro unilateral do conhecimento, por compreendermos essas concepções como relacionadas ao idealismo, ao inatismo e mesmo à herança cartesiana. Nossa formulação converge com a idéia de interação entre ambas as perspectivas, mas procurando localizar também uma terceira angulação: a afirmação analítica de que lugares de sujeito, de objeto e de interação entre ambos estejam ordenados por

acoplamentos entre cultura e natureza, depositados na esfera do inconsciente cognitivo, compondo, entretanto, o manancial dos fluxos históricos do conhecimento epistêmico⁵.

Nesse sentido, nenhuma perspectiva epistemológica se explica por um objeto específico (do tipo a análise da comunicação e da mídia requer uma epistemologia baseada na incerteza). Podemos explicar isso com as epistemologias mais recentes: os conceitos de caos, de incerteza, de instabilidade, etc. não necessitam de uma natureza social como objeto para serem constituídas. As teorias da incerteza (Prigogine, 1996) e do caos (Lorenz, 1996) são produzidas tendo como objetos um real (a natureza) que existe bem antes das epistemologias que os interpretam como tais. No lado inverso, a perspectiva inatista afirmaria que é a história do pensamento que somente agora captura essas propensões ao caos, à instabilidade e à incerteza. As perspectivas interacionistas dirão que o pensamento só captura algo em interação com um determinado objeto. Já a intersecção entre cultura e natureza permite pensar que emerge, na captura, processos perceptivos guardados na memória cognitiva, liberados em formações histórico-cognitivas específicas.

Nesse sentido, afirmamos que as relações entre objeto real (concreto real ou objeto empírico) e conhecimento, e, dentro desse campo, da epistemologia, requer outras mediações relativas ao que chamamos de “real”. Nossa formulação teórica é de que todas as epistemologias (as das ciências da natureza e da sociedade) são produzidas por indivíduos sociais e históricos, que configuram o que Marx e Luckács chamaram de uma ontologia do ser social, diversa da natureza. A “ontologia” do ser social tem como base a ação, a qual remete à problemática do sujeito histórico e social, coletivo, incluindo aquilo que está expresso na discussão do senso comum. Esta é a fonte da mente, que está em interação com diversos ‘reais’ – sociais e naturais. Mas essa mente é indissociável da natureza.

* * *

Entretanto, de Marcuse a Sfez (2004) se revela a possibilidade, em cada um desses momentos, de suspensão do sujeito epistêmico e seu aprisionamento (continuidades entre ideologia, poder e conhecimento). Essa epistemologia afeta a simbólica da comunicação, como indica o conceito de tautismo⁶.

Assim, o ontológico das interações mediadas por dispositivos e máquinas não produz ou propicia necessariamente uma epistemologia que desdobre os potenciais

⁵ Em nossa tese de doutorado definimos quatro formas de conhecimento: o simbólico, remetendo à estética; o funcional, relacionado às práticas, táticas e estratégias; o referencial, ou informacional; e o epistêmico, relacionado à consolidação das estruturas de interpretação do mundo. As referências dessa formulação estão na linhagem piagetiana e habermasiana.

⁶ Tautismo: contração de tautológico e autismo – se repito, eu provo –, em que o autismo diz que não há necessidade de se comunicar com o outro, centrado que é na satisfação lúdica, e tautologia refere-se à validade da proposição em decorrência de sua forma.

reflexivos da espécie, mas sim uma relação circular com as epistemologias que decorrem das lógicas de objetivação do saber – um saber funcional subordinado às estratégias de mercado (incluindo os do conhecimento). Nesse sentido, a comunicação simbólica caracterizada como tautista herda o processo de retração do conhecimento já identificado na crítica ao positivismo e à razão.

A mesma linha de continuidade entre sujeito e objeto se explicita numa bibliografia que analisa questões centrais para se pensar a mídia. As reflexões em torno das tecnologias da imagem (processos de desrealização do objeto, conforme Dubois, s/d), aparelho fotográfico (entre a filosofia e o aparelho, como reflete Flusser, 2002) e máquinas de imagem (e os efeitos ideológicos produzidos pelo aparelho de base, Baudry, 2003) não são apenas títulos afins. Referem-se a objetivações sociais (dispositivos em nossa conceituação) que remodelam as formas de pensar. Ingressa aí o debate entre o lugar da tecnologia, das técnicas e da linguagem, um conjunto de forças concorrentes que subordinam o sujeito que interage com as mesmas, mas também o pensamento que se faz sobre esses dispositivos, incorporados à cultura. Na crítica, depõe-se contra a crença moderna de um sujeito epistêmico que dê conta da contracorrente que subordina a todos, talvez inclusive o esforço crítico e epistemológico. Considerar essas perspectivas é fundamental para não ceder à tentação voluntarista de reafirmação e crença na filosofia do sujeito e da consciência.

Segundo ângulo: o método como movimento de relações entre os dados e o pensamento

Identificamos que diversos autores compartilham a idéia do método como lugar de diferenciação e/ou identidade da área (Santaella, 2001, Braga, 2007, Ferreira, 2008). Convergente com essa formulação, a questão que se coloca é verificar, nas investigações sobre a midiaticização, em que medida as configurações de método se relacionam com objetos de conhecimento específicos. Nossa reflexão se orienta pelas categorias preliminares já construídas sobre o método: a indução, que consideramos aqui como inferências a partir da análise de dados, ou seja, o valor do objeto; a dedução, vinculada ao processo de construção do objeto enquanto experimentação e reflexão a serviço de hipóteses, ou seja, o valor do pensar; e a abdução, como o ponto de encontro, descobertas, de diferenciações entre construtos teóricos (lugares do sujeito) e relações causais (da ação e dos objetos) e confluindo em hipóteses de relações entre o pensar e o objeto.

Essas categorias estão em produção – e, nesse sentido, em debate –p e investigação, inclusive teórica⁷. A hipótese é a de que uma reflexão sistemática sobre os usos efetivos dessas categorias nas investigações em curso sobre a midiaticização pode fornecer pistas sobre as questões de identidade e autonomia de nosso campo de

⁷ A discussão destas categorias deve, em nossa perspectiva, partir das formulações de Peirce, por sua consistência lógica e teórica. Mas não é indissociável, a partir desta perspectiva, discutir agregativamente outras perspectivas de método (tipo racionalismo aplicado e a dialética).

conhecimento, tão importantes como as decorrentes da diferenciação teórica da área – no caso, a comunicação – relativamente a outras.

Assim, há dois eixos. Por um lado, um transversal expresso na idéia de que a abdução, a dedução e a indução são movimentos gerais da construção do conhecimento. Por outro, um próprio em que os movimentos de método se diferenciam conforme as especificidades das áreas de conhecimento, incluindo as relações de poder (legitimidade) dessas modalidades (o que se expressa na configuração do campo de conhecimento em que ocorrem). Somente na medida de relações de força entre os três movimentos (o valor legitimado da dedução, indução e abdução) pode-se dizer que uma área se define por um determinado método. Nossa reflexão avança no sentido de afirma uma perspectiva transversal, ou seja, o método pertence ao núcleo das heranças epistemológicas, e passa a ser central na mediação das relações do sujeito com o objeto, configurando um dos aspectos centrais das formações histórico-cognitivas.

Nesse sentido, estamos convergentes com a perspectiva de Pimenta (2008), quando discute a abdução vinculada a uma “tendência natural que leve a um acordo entre estas idéias que se sugerem à mente e aquelas relacionadas a leis da natureza”. Essa abordagem acentua a intersecção entre natureza e cultura, e, simultaneamente, entre sujeito e objeto. Essa intersecção pertence a própria gênese e diferenciação entre natureza e cultura.

Sendo assim, não haveria uma problemática sujeito e objeto nas ciências da natureza, e outra nas ciências sociais, e outras ainda no “campo psi”, no campo semio-lingüístico, da comunicação, etc. Todas seriam atravessadas pela intersecção natureza e cultura, e, portanto, sujeito e objeto, sendo que a separação fundada pelas ciências da natureza (criticada por Marcuse) só seria paulatinamente superada pela histórica do pensamento epistemológico e de método, chegando-se ao seu clímax na filosofia e semiótica peircianas, ou seja, numa teoria dos signos específica.

A partir desse ponto de chegada pode-se realizar o percurso inverso, ou seja, verificar como essa intersecção, descoberta no lugar da abdução no método, vai surgindo na história dos métodos em vigor conforme cada campo que se sucede na história da ciência moderna. Ou seja, o problema da gênese é de como, na história das formações histórico-cognitivas, a abdução aparece na psicologia, nas ciências sociais e nas ciências da natureza, como lugar que indica a intersecção entre sujeito e objeto, cultura e natureza, e se ultrapassa a diferença formal instalada pelas ciências da natureza. A comunicação seria o contemporâneo deste processo, e pode indicar novas complexidades enquanto chaves para entender essa história.

Terceiro ângulo: disciplina e campo da comunicação

Onde se encontra uma natureza disciplinar de um campo acadêmico? Um dos níveis do disciplinar se expressa na escolha de teorias. Consideram-se, muitas vezes, as teorias, incluindo os modelos teóricos da comunicação e do midiático, como epistemologia (Ferreira, 2007), ou seja, a escolha teórica é uma problemática epistemológica (Lopes, 2001). Essas escolhas, no campo da comunicação, produzem

um problema de “identidade”, sobre o qual se identificam, na literatura, posições e práticas envolvidas: a) a área é transdisciplinar (Lopes, 2008). Nesse sentido, a comunicação se informa e deve se informar em fontes teóricas diversas; b) essa diversidade expressaria uma debilidade (a ausência de uma referência disciplinar. Martino, 2005); c) ou uma disciplina que, no diverso, é indiciária (Braga, 2007).

Todas essas formulações reconhecem que o campo se informa em fontes teóricas diversas. Sobre isso há consenso. O dissenso não é, portanto, sobre o diagnóstico, mas sobre os tempos em que fatos identificados ocorrem, constituem-se um antes ou depois do conhecimento epistemologicamente legítimo na época contemporânea, incluindo-se aí as relações com a ciência moderna, e todo seu cortejo, especialmente a ciência que pertencemos por decisões institucionais de diversas ordens, ou seja, nossos acompanhantes de ciências sociais. Começa-se pelo debate de pertencimento: por que ciências sociais? Por que não, humanidades (letras, filosofia e artes)? Vários dizem que devíamos estar em outros lugares (que a comunicação pertence à filosofia, conforme Marcondes Filho, 2006), e muitos pensam a midiaticização a partir desses territórios vizinhos. Não nos interessa, ao questionar essa dimensão, se o “politicamente correto” é isso ou aquilo, mas sim o que, na produção de conhecimento sobre a mídia, o midiático e a midiaticização, se faz mais neste ou naquele lugar.

Nossa investigação acentua a perspectiva de campo epistemológico (Ferreira, 2005). Esse é construído nas interações entre os pares, sendo que suas dimensões ocupam não o espaço do consenso, mas de região compartilhada, mesmo que inconsciente, entre um conjunto de investigadores hegemônicos. Uma das funções de uma epistemologia da comunicação é trazer essa zona à consciência coletiva. No caso, o consenso é a herança de várias disciplinas nas investigações do campo. As disputas é como ler e interpretar essas heranças. Em outras palavras, a afirmação de um perfil de uma área de conhecimento como resultando de “batalhas” de campo, isto é, como resultante de uma “luta” em torno de disposições diferenciadas, e não de uma questão de ciência pura que se impõe a um determinado coletivo interpretante. Essa face sociológica de construção do campo epistemológico nas interações entre os pares é logo compensada, na análise e nas práticas, na medida em que o resultado é reconhecido entre os pares como cientificamente legítimo e passa a regular (valor normativo) a produção de conhecimento (sem que isso implique pacificação absoluta em torno de uma determinada matriz hegemônica). Pelo contrário, é a continuidade dos conflitos epistemológicos de um campo que alimentará inclusive as transformações de uma matriz hegemônica, a partir “de fora”.

Esse entrelaçamento entre matriz epistemológica hegemônica num determinado campo, que neste projeto está sendo explorada, em relação com os conflitos no âmbito de uma comunidade científica, está visitado na bibliografia atual (Ferreira, 2007a, Lopes, 2003, 2007; Aidar e Fuentes, in Lopes, 2003; Vizer in Ferreira, 2007a). Essa literatura indica que o perfil de uma determinada área de conhecimento remete não só aos conflitos e consensos entre os pares da comunidade, mas também das relações desses investigadores com outras disciplinas e campos de conhecimento, e com outros campos sociais (de instituições não específicas –

economia, política, cultura –, ou específicas – em particular com os profissionais, ou com os indivíduos formados a partir do conhecimento produzido).

Nesse contexto, as reflexões sobre o objeto “mídiação” não fogem a regra. As heranças mobilizadas (ver Fausto Neto e all, 2008) são as mesmas observadas na área em geral, ou seja, as teorias do signo e as teorias sócio-antropológicas, muitas vezes já atualizadas a problemas específicos do campo. A questão é, portanto, de como essas teorias fundam um novo campo de hipóteses explanatórias, ou seja, a ultrapassam dos limites de determinados sentidos sociais e/ou ideologias incorporadas nas epistemologias da comunicação na análise do midiático. O que temos observado, escutado e lido é que esta ultrapassagem está em uma certa emancipação do pensar comunicacional relativamente a essas heranças, ao mesmo tempo em que elas são incorporadas.

Esse caminho específico pode ser o caso de Eliseu Verón. Esse é criticado por ter abandonado os grandes projetos teóricos de busca de uma síntese entre as ciências sociais e ciências da linguagem, para realizar trabalhos experimentais, marcado pela reflexão sobre o método e metodologia (Maldonado, 2008) . Concordando com o diagnóstico, consideramos, entretanto, que este foco no método propiciou o desenvolvimento de novos esboços teóricos consistentes para o campo acadêmico da comunicação na análise do midiático. Tendo como centro os processos abduativos (hipóteses explanatórias), o método de Verón valoriza um percurso de trânsito as proposições lógico-interpretativas, passando pelas construções empírico-indutivas, fechadas em análises de caso. Dessas análises de casos, produziu elementos para uma análise do midiático e da mídiação. Esse caminho pode ser visto também em Braga (2006), que inclusive propõe esse caminho para compor o campo (2007), embora o conceito de abdução em Braga deva ser percebido como uma proposição diferenciadas em relação a proposta de Peirce, e mesmo de Verón.

Sem prejuízo de diferenciações entre esses autores, acreditamos que estes casos (considerando que a abdução é o movimento que vai da regra (lei) aos resultados (índices) para constituição do caso. Nino, 2008) indicam, na análise da mídiação, um conjunto de esquemas/objetos/problemas (lugares dedutivos que identificam um espaço cognitivo no campo epistemológico da comunicação) paralelos e convergentes (no sentido de paralelas que se tocam no infinito) tais quais: o deslocamento do problema da produção e/ou da recepção para o problema-interseção localizado na circulação; a integração das questões sócio-antropológicas, da linguagem e da técnica e tecnologia, na análise de processos midiáticos; a releitura dos objetos-problemas macrosociais a partir das análises focalizadas nos processos comunicacionais midiáticos e seus dispositivos, invertendo a lógica sociológica de subordinar os produtos midiáticos a macro-categorias (indústria, campo, cultura, etc.); a inversão do conceito de sociedade de meios, mas para sociedade midiaticizada; entre outros. De qualquer forma, nos parece pertinente investigar em que medida tais precipitações deduzidas dos casos se localizar em torno das grandes perspectivas epistemológicas que apresentamos no início deste artigo. Ou seja, em que medida não aderem a uma nova lógica de supervalorização do ambiente.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *Epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BAUDRY, Jean-Louis. Cinema: efeitos ideológicos produzidos pelo aparelho de base. In: XAVIER, Ismail. *A experiência do cinema*. São Paulo: 2003.
- BRAGA, José L. Comunicação, disciplina indiciária. In *Anais do XVI COMPÓS*. Curitiba: Tuiuti/COMPÓS, 2007 (CD)
- BRAGA, José Luiz. Pequeno Roteiro de um campo não traçado. In: FERREIRA, Jairo (org.) *Cenários, teorias e epistemologias da comunicação*. Rio: E-Papers, 2007a. p. 7-25.
- BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006. 350 p. (Comunicação).
- DUBOIS, Philippe. Máquinas de imagens: uma questão de linha geral. In: *Cinema, vídeo*. Godard. São Paulo: COSACNAIFY, [S.d.]. p. 31 – 67.
- FAUSTO NETO, Antonio (Org.) ; GOMES, Pedro Gilberto (Org.) ; BRAGA, J. L. (Org.) ; FERREIRA, Jairo (Org.) . *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008. v. 1. 1 p.
- FERREIRA, Jairo . *Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação*. *E-Compós* (Brasília), v. 10, p. 1-15, 2007b.
- FERREIRA, Jairo . Questões e linhagens na construção do campo epistemológico da comunicação. In: Jairo Ferreira. (Org.). *Cenários, teorias e epistemologias da comunicação*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007c, v. 1, p. 41-54.
- FERREIRA, Jairo . Um caso sobre a midiatização: caminhos, contágios e armações da notícia.. In: FAUSTO, Antonio; GOMES, Pedro; BRAGA, José Luis; FERREIRA, Jairo. (Org.). *Midiatização e Processos Sociais na América Latina*. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2008c, v. 1, p. 55-74.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2007.
- LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2001.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. In *Anais do VI COMPÓS*. Curitiba: Tuiuti/COMPÓS, 2007 (CD)
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LORENZ, Edward. *A essência do caos*. Brasília: UNB, 1996.
- LUKÁCS, Georg. *Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de hegel*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. 114 p.
- LUKÁCS, Georg. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. 174 p.
- MALDONADO, Alberto Efendy. *Percursos teórico-metodológicos de Eliseo Verón*. In: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/733/519>. Disponível em março de 2008.

-
- MARTINO, Luiz. Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação. In *Anais do XIV COMPÓS*. Niterói: UFF/COMPÓS. (CD), 2005.
- MARTINO, Luiz C. *Abordagens e representação do campo comunicacional*. Comunicação, Mídia e Consumo / ESPM, v.3, n. 8 (nov. 2006), São Paulo, p. 33-54.
- NAVARRO, Raúl Fuentes. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- NINO, Douglas. Peirce, abdução y práctica médica. Colômbia: Bogotá, Universidad Nacional de Colômbia. Xérox.
- PIAGET, Jean; GARCIA, Rolando. *Psicogênese e história das ciências*. Lisboa: Dom Quixote, 1987. 251 p.
- PIMENTA, Francisco José Paoliello. Indeterminação; o “admirável”; a crescente comunicabilidade. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do *XVII Encontro da Compós*, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008.
- PIMENTA, Francisco José Paoliello. *Semiótica, como teoria da representação, e o campo da Comunicação, 2007 - XVI COMPÓS*: Curitiba/PR, 2007
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. São Paulo: Unesp, 1996.
- SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker Editores. 2001.